

Livro XIII

A DAMA DE AKASHI

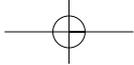
Os dias passavam e a chuva e o vento persistiam com a mesma intensidade. Muitas eram as preocupações do Genji que o deixavam desamparado quando pensava que passado e futuro só lhe traziam motivos de apoquentação. Que podia fazer naquelas circunstâncias? Regressar a Heian enquanto não obtivesse a graça imperial, pretextando as intempéries, seria expor-se ainda mais à chacota geral. Pensou cortar as amarras e isolar-se numa montanha mais retirada, mas se corresse o rumor de que fugira das vagas e dos ventos, granjearia uma reputação de cobarde que ficaria para sempre ligada ao seu nome nos tempos vindouros. Em sonhos regressava-lhe sempre a mesma visão, que agora o perseguia. Os dias desfiavam sem uma aberta, a fúria dos elementos nem sequer permitia dar um passo no exterior, pelo que ninguém o visitava e, ainda por cima, como não recebia nenhuma notícia de Heian e nenhum mensageiro se deslocava a Suma, perguntava-se, angustiado, se não iria acabar ali os seus dias.

Finalmente chegou um mensageiro enviado por Murasaki, num estado deplorável, completamente encharcado. Este homem rústico, que teria hesitado considerar como um ser humano caso se tivesse cruzado com ele, afastando-o imediatamente do caminho, inspirou-lhe uma simpatia que o fez reconhecer, angustiado, o grau de decadência a que chegara.

A carta de Murasaki era longa e melancólica:

«Este tempo terrível, sem a menor aberta, faz pensar que os próprios céus se fecharam e já não sei para onde olhar!»





*Imagino o sopro do vento
E a fúria da tempestade
Na costa de Suma
Vagas incessantes
Molham as minhas mangas*

Mal abriu a carta, os seus olhos encheram-se de lágrimas e as trevas pareceram envolvê-lo, enquanto as ondas ameaçavam inundar a costa. Titubeante, o mensageiro anunciou:

— Na Cidade, também fustigada por vendavais e tempestades, julgam estranho este mau tempo, pensam que é um aviso do céu e deduzo que irão proceder ao Rito de Sua Majestade Benevolente¹. Não é possível andar pelas ruas, está tudo inundado, os cortesãos não podem deslocar-se ao Palácio, onde os Ofícios interromperam o seu serviço.

O que ele contava não era muito claro e exprimia-se com dificuldade, mas como eram notícias de Heian, o Genji, ávido de novidades, mandou chamá-lo e interrogou-o.

— Ninguém se recorda de tantos dias de chuva ininterruptos com um vento tão devastador, que não pára de soprar; todos têm medo porque não é natural, mas vejo que aqui é ainda pior, com este granizo que parece querer furar o solo e esta trovoada que não há meio de abrandar!

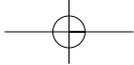
O medo estampado nas feições do homem, aterrorizado pela fúria dos elementos, aumentava a ansiedade geral. O Genji chegou a perguntar-se se não seria o fim do mundo, quando, logo na manhã seguinte, o vento soprou de novo violentamente, o mar encapelou-se e as vagas enfureceram-se tanto que, ao contemplar aquele espectáculo, todos se perguntavam se haveria rochedo ou colina que aguentasse. O ribombar da trovoada era indescritível e, ao pensarem na ameaça suspensa sobre as suas cabeças, ao verem a violência inaudita dos relâmpagos, nenhum dos presentes conseguia guardar o sangue-frio e todos se lamentavam:

— Que fizemos para merecer este infortúnio? Teremos de morrer sem tornar a ver os nossos pais, esposas e filhos?

O Genji mantinha-se calmo. Confortava-se, pensando que nenhum crime lhe pesava na consciência, que não havia nada que justificasse ter de acabar a sua vida naquelas paragens, mas os seus homens estavam tão agitados que mandou proceder a oferendas votivas² aos deuses, enquanto rezava:

— Ó senhor de Sumiyoshi, vós, que reinais nesta região, se sois realmente um avatar do Iluminado, acudi-nos!³





Assim orava e multiplicava os votos mais solenes. É certo que cada um temia pela sua própria vida, mas, não obstante, o facto sem precedentes de uma personagem como o Genji ser castigado por semelhante fatalidade afligia-os tanto que todos os que ainda estavam na posse das suas faculdades proclamavam alto e bom som que dariam as suas próprias vidas para poupar a do seu senhor e imploravam em coro a budas e deuses.

— Embora educado e criado no Palácio, onde podia gozar de todos os prazeres, dignou-se, no entanto, na sua profunda compaixão, ajudar qualquer pessoa que caísse em desgraça nas Oito Grandes Ilhas. E agora, aqui, devido a que faltas teria de ser a presa das vagas e dos ventos tempestuosos? Que o céu e a terra destrincem onde está a justiça! Injustamente acusado, foi privado do seu cargo e das suas mordomias, afastado de casa, expulso da sua terra; atormentado dia e noite sob este céu hostil, terá de perder assim a vida devido a uma existência anterior ou a faltas cometidas durante esta? Ó deuses e budas, se dignais manifestar-vos, acalmai os nossos tormentos!

Assim oravam na direcção do santuário, proferindo todo o tipo de votos. O Genji dirigia as suas preces ao Rei Dragão e a muitas outras deidades dos mares quando o estrépito dos trovões aumentou ainda, até que um raio atingiu a galeria no prolongamento do pavilhão onde se encontrava. Jorraram chamas que consumiram a passagem coberta. Mais mortos que vivos, todos estavam estarecidos. Levaram o Príncipe para um edifício das traseiras, que devia servir de cozinha ou celeiro, onde se refugiara muita gente cujos lamentos e choros se confundiam com o ruído dos trovões. O dia acabava e o céu ficou negro como breu.

Pouco a pouco, vento e chuva amainaram e quando as estrelas começaram a brilhar, como acharam o local demasiado exíguo, insólito e indigno do Genji, decidiram reinstalá-lo no Pavilhão Central, mas a parte que o fogo poupava tinha um ar sinistro, adensado pelo ruído dos passos nos escombros e nas adufas que a tempestade dispersara aos quatro ventos.

— Deixemo-lo passar a noite onde está! — disseram, regressando às apalpadelas.

Enquanto decidiam o que fazer, o Genji recitou ferventes preces e procurou concentrar-se no sagrado nome de Buda, embora sem grande sucesso, pois sentia-se muito inquieto. O luar surgiu e viam-se distintamente as linhas espumosas deixadas pelo assalto das vagas que ainda fustigavam duramente a margem; empurrou a porta feita de ramos de árvores e contemplou longamente o espectáculo. Naquelas paragens não



havia homem a quem pudesse dirigir-se que conhecesse a natureza das coisas, capaz de reflectir sobre o passado e o futuro, e de entender claramente o sentido daquela manifestação.

Pescadores humildes tinham-se reunido à volta da sua casa, esperando pela protecção daquela grande personagem, e se o seu estranho dialecto, ininteligível para o Genji, o incomodava como uma grande cacofonia de aves, não conseguiu decidir-se a mandá-los embora.

— Se o vento não tivesse acalmado um pouco, a esta hora estaríamos todos debaixo de água — disse um deles. — No último momento, os deuses foram bondosos connosco...

Quem os ouvisse falar assim, se dissesse que fora uma prova angustiante ainda não teria dito nada!

*Ah, se as deidades
Que moram nos mares
Não me tivessem ajudado
O turbilhão das ondas
Longe me teria levado*

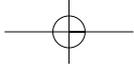
O Genji mostrara-se firme durante a tempestade que soprara e ribombara todo o dia, mas sentia-se esgotado e, sem querer, começou a dormir. Como o local fosse dos mais sumários, repousava simplesmente, encostado à parede, quando lhe apareceu o defunto Imperador Retirado, Kiritsubo, tal como fora quando vivo:

— Que faz num lugar tão horrível? — perguntou-lhe, pegando-lhe na mão e chamando-o a si. — Deixe-se guiar pelo deus de Sumiyoshi, embarque imediatamente e abandone esta costa!

Cheio de alegria, o Príncipe respondeu:

— Desde que o vi pela última vez e deixei de estar sob a sua augusta protecção, passei por uma série interminável de desgraças; terei de acabar a vida nesta costa?

— Que suposição mais absurda! Tudo isto é simplesmente resultado de um carma! Pessoalmente, nunca ofendi ninguém no meu reinado, mas como, mesmo assim, cheguei a cometer faltas sem me aperceber, agora que estou a expiá-las não dispus de um instante para mim e a minha atenção foi distraída deste mundo⁴; contudo, ao vê-lo assim mergulhado num extremo desespero, não aguentei mais e, atravessando os fundos marinhos, alcancei estas margens; apesar do cansaço da viagem, vou prosseguir até ao Palácio, para ter uma conversa com Sua Majestade sobre este caso! — disse o Imperador Kiritsubo, partindo imediatamente.



Extremamente emocionado, o Príncipe derramou lágrimas e exclamou:

— Deixe-me acompanhá-lo!

Quando ergueu a cabeça, não viu nada nem ninguém, a não ser a claridade do luar, e não lhe parecia que tivesse sonhado, pois a graciosa presença parecia estar junto dele. Julgou reconhecer uma figura familiar numa nuvem que passava no céu e se alongava de forma patética. Dessa imagem que durante anos o perseguira sem que tivesse podido tornar a vê-la, nem que fosse em sonho, tinha a certeza de ter avistado nitidamente os contornos, embora a sombra lhe escurecesse os traços: fendendo os ares, o defunto viera portanto em seu auxílio, quando, no auge do desespero, julgara que a sua vida chegara ao fim; cheio de confiança e alegria ao lembrar-se do seu sonho, chegou até a dar graças por toda aquela tempestade. De repente, sentiu um aperto no coração: na sua emoção, esquecia completamente a tristeza da sua posição presente para lamentar apenas não ter obtido qualquer resposta durante o sonho; na esperança de ver uma nova aparição, esforçou-se por adormecer, mas a manhã chegou sem que tivesse podido encontrar o sono.

*

Enquanto estava sentado num rochedo, chegou uma embarcação; dois ou três homens acostaram e dirigiram-se para a residência do exilado.

— Quem sois? — indagaram os seus companheiros.

— Somos enviados pelo antigo Governador de Harima, actualmente Noviço, que fretou esta embarcação, na costa de Akashi. Ele deseja falar com Yoshikiyo, filho do actual Conselheiro Minamoto, se estiver presente, para lhe expor os motivos desta sua visita! — explicaram.

Quando transmitiram o recado a Yoshikiyo, este disse, espantado:

— Durante alguns anos, eu e o antigo Governador de Harima tivemos relações muito cordiais na sua província mas, por motivos privados, querelámo-nos um pouco e há muito que nem sequer nos escrevemos; que lhe aconteceu agora para vir acostar a estas paragens, desafiando assim a tempestade?

No entanto, quando o Genji, que estabelecera depressa uma relação com o seu sonho, lhe ordenou: «Vá vê-lo imediatamente!», Yoshikiyo dirigiu-se para a embarcação, onde encontrou o Noviço; porém, continuava a não entender o que poderia tê-lo levado a embarcar subitamente quando o vento e as vagas se enfureciam daquela maneira.

